Uma enfermeira em Moçambique: entre o desalento e a esperança

Ana Paula Gato

Animação no aeroporto de Lisboa, na "porta 20", as canções, os tambores, gente: moçambicanos, portugueses, espanhóis, sul-africanos. Às 22.30h de uma sexta-feira no final de Outubro de 2007 o avião rumo a Joanesburgo com escala em Maputo sai. Sento-me e tento dormir. Alguém mais jovem e animado troca de lugar comigo, quer conversar com o meu breve companheiro de viagem. Troco de bom agrado. Nunca estive em Moçambique e fico a pensar no destino e na missão: Pemba, formação de professores. Um projecto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal em que colaboro na área da disciplina Higiene e Saúde Escolar.

Da janela um mar de luzes pequeninas lá em baixo, depois um vazio escuro. Leio os jornais, janto, torno a ler. Não consigo dormir. Vejo os filmes, oiço rádio. Deixo-me vencer pelo cansaço. Às 6 h acordo e da mera observação passo à palavra com a minha companheira de viagem, professora catedrática da Universidade de Lisboa com trabalho de investigação sobre as propriedades terapêuticas das plantas africanas. Não nos calamos o resto da viagem.

Chegamos, o aeroporto é pequeno, limpo e agradável. Não tenho "visto" de entrada, por isso permaneço numa fila que anda devagar e espero sentada em cima das bagagens durante uma hora e meia. Por fim o "visto" e os pés na rua barulhenta e quente. Tenho à minha espera uma senhora afável e bem-humorada que vai ser minha "guia" em Maputo. Muita gente nas ruas, as acácias

e os jacarandás, o colorido das roupas, os bandos de crianças, o odor a mar, as inúmeras bancas de venda na rua. Depois do hotel a ida ao mercado central onde uma fachada colonial portuguesa anuncia o ano de 1901. A confusão de cores, caju, amendoim, legumes, fruta, o lixo acumulado junto às portas laterais, plásticos esvoaçam pelas ruas, alguém quer lavar-nos o carro com um pequeno balde. Perto, o mercado de artesanato, vendedores e artesãos, a madeira, os panos, o marfim, as missangas, os tambores, as peles, as telas, os batiques que estremecem com o vento que de repente varre as ruas de Maputo.

Num centro comercial, de inspiração asiática, a casa Chanel rivaliza com lojas de tecidos indianos e de artesanato africano. Cruzo-me com chineses, indianos, portugueses, fala-se português, inglês e as línguas maternas moçambicanas. A antiga fortaleza foi restaurada há pouco tempo e exibe uma exposição de pedras preciosas moçambicanas, enquanto estátuas coloniais portuguesas ilustram parte da história do país. Perto os barcos chegam do mar e as peixeiras estendem o peixe nas bancas. Seguimos pela marginal ladeada por palmeiras que emolduram a baía. No "Mercado do Peixe" compramos o jantar, que transportamos num saco que entregamos num dos restaurantes do mercado para ser preparado. Há crianças no recinto tentando vender ou comer alguma coisa, os pés descalços, as t-shirts gastas e rotas.

Na manhã seguinte, às 5 horas, estou a pé, é domingo. Já amanheceu e há agitação nas ruas. O avião para Pemba sai pontualmente às 10.40 horas. Fico a ver desfilar os rios, lagos, florestas, praias sem fim, zonas áridas, ilhas. Por fim Pemba, 2500km a norte de Maputo. O ar quente e húmido, pesado. Gente acolhedora. Hoje não há vaga na residencial onde deveria ficar instalada. Por isso fico em instalações "alternativas". Tento lembrar-me com calma que não devo matar as osgas no quarto e tomo banho a copo porque a água existente está num grande balde encostado à banheira. O colega que já cá está conforta-me, será só durante uma noite. É domingo e a praia em frente parece saída de um postal, palmeiras, a areia branca, o Indico sereno, parece que toda a cidade decidiu vir até aqui, a praia está apinhada de gente. Um taxista leva-nos a ver a cidade, é um jovem bem disposto que faz um programa de música para jovens na rádio local. Perdem-se de vista os bairros onde a construção tradicional impera. Casas construídas com canas ou troncos esguios atados com tiras de borracha de pneus já usados e paredes forradas a barro, telhado em colmo ou zinco. *"O zinco aquece muito, mas não chama tantos mosquitos nem outros bichos"* diz-nos o nosso guia solícito. Descubro que quem tem mais posses constrói o telhado das casas com zinco e que só a classe mais abastada tem casas de alvenaria. Os bairros espraiam-se até ao mar numa confusão com sentido, as ruas ordenadas, lixo amontoado à entrada, *"paga-se mas não recolhem"*, os fontanários públicos e as latrinas no quintal. Cajueiros, coqueiros, mangueiras e embondeiros erguem-se dignos por entre o amontoado de casas. Crianças são sempre muitas, *" muitas delas são órfãs, é a SIDA..."* o drama de um país em que um milhão e oitocentas mil pessoas estão contaminadas com o VIH e onde a esperança de vida é de 42,8 anos. No centro da cidade, casas do tempo colonial, outras casas (poucas) recentes, as ruas esburacadas, os mercados de rua, o porto comercial, o porto de pesca, a baía a perder-se de vista (roteiros turísticos classificam-na como a terceira maior do mundo), vários bancos, casas comerciais que vendem os mais variados produtos, igrejas e

mesquitas.

Na manhã seguinte mudo para a residencial onde está previsto ficar as duas semanas de estadia, é arejada e limpa, com redes mosquiteiras e ar condicionado, um luxo em África! Saio para a rua, delicadas as pessoas e calorosas como o ambiente. Os mais jovens chamam-me "mamã", expressão empregue para cumprimentar as mulheres mais velhas em sinal de respeito. A caminho da escola do Magistério uma aldeia SOS, a seguir uma missão católica onde cerca de 50 crianças, muito atentas, estão a ter aulas sentadas no chão debaixo de um cajueiro, cadernos e lápis na mão o quadro de ardósia suportado por um cavalete encostado ao tronco. O nosso local de trabalho, o Instituto do Magistério Primário, tem umas instalações óptimas, um jardim bem cuidado, grandes cajueiros que fazem sombra aos bancos repletos de jovens a conversar nos intervalos das aulas. Somos muito bem recebidos, os formandos são professores com larga experiência de ensino, combinamos a metodologia, os horários e começamos logo a trabalhar. Falar de promoção da saúde na escola é oportunidade para serem discutidas algumas dificuldades sentidas pelos professores e falarmos sobre questões sociais problemáticas em Moçambique: a pobreza, a Sida, a falta de profissionais de saúde, a falta de

A enfermeira de serviço da Maternidade de Muxara

respostas para: os doentes, as crianças e os idosos, a poligamia, a situação da mulher africana (numa sociedade marcadamente machista), o relacionamento sexual precoce (os ritos de iniciação dão-se aquando da menarca e a partir daí, segundo a tradição a jovem poderá ser tomada como esposa), a maternidade na adolescência, o abandono escolar por dificuldades económicas e desvalorização da escolaridade, as crenças tradicionais ligadas às questões da saúde, a feitiçaria... Teremos muito para debater nestas duas semanas.

Ao fim da tarde vamos até ao centro da cidade. Visitamos um casal português, já idoso, que mora no bairro dos pescadores junto ao porto de pesca, estão cá há mais de 50 anos. De repente pareço ter recuado no tempo, tomamos chá numa casa tipicamente portuguesa a lembrar os anos sessenta, *"nunca de cá saímos, aguentámos a guerra e as dificuldades, mas isso já lá vai... Não podíamos ir para Portugal, não conseguimos, criámos aqui raízes. Mas não é fácil, há muito para fazer, é uma grande tarefa..."*, desvia a conversa, falar da guerra ou do tempo colonial é quase tabu, irei descobrir durante a minha estadia que estas feridas estão ainda abertas, *"temos cá a vida, o coração."* Às 17h o sol põe-se. Tenho dificuldade em adormecer nesta, como em todas as outras noites que se seguirão, às 4.30h é dia e ouve-se já a agitação na rua. Aqui as aulas começam por volta das 7.30h, antes que o calor, sempre presente, tome conta dos sentidos. Hoje falamos de estilos de vida e dos determinantes da saúde. As condições de vida, os cuidados às crianças, o combate às doenças infecciosas, o professor é um elemento chave na comunidade. Aqui as epidemias de cólera são frequentes, devido à falta de saneamento e de higiene. Fala-se do isolamento de muitas das povoações e das dificuldades que os professores têm

em manter-se como referência quando não existem interlocutores com formação semelhante, "*é muito difícil não compactuar com determinados comportamentos quando não temos livros, alguém que fale a mesma linguagem, um rádio ou uma bicicleta, não dá... os ordenados são muito baixos, ninguém quer ir para o interior, é como morrer um bocadinho ou morrer devagar..é preciso ser muito resistente quando o professor é único num raio de muitos quilómetros sem meios de transporte*" diz-me um dos formandos.

"*Sou 100% muçulmano, mas aqui cada um vive em paz as suas crenças, vamos às festas religiosas uns dos outros, e há as nossas tradições africanas*" diz-nos o nosso taxista. Perceberei isso melhor quando, dois dias depois, jantarmos com dois jovens missionários católicos, um português e um brasileiro que nos falam da tolerância religiosa e das dificuldades com que se debatem todos os dias, "*trabalhamos, mas falta tanta coisa, tudo o que fazemos é muito pouco*", o que fazem inclui jardins de infância, aqui chamados *escolinhas*, apoio alimentar, apoio à construção e actividades de formação. Moçambique ocupa o 172º lugar no índice de desenvolvimento humano numa lista de 177 países. De regresso à residencial vamos calados, o táxi vai devagar, podemos ouvir as ondas, os embondeiros recortam-se no escuro, passamos por um hotel de cinco estrelas que parece transportado de um conto das mil e uma noites, em frente dele as casas de colmo e barro, alguém grita.

No dia seguinte temos visita programada a uma *escolinha* mas antes iremos ao mercado tradicional. Às 7h o nosso taxista e guia acompanha-nos. À entrada do mercado uma cooperativa de arte maconde, os artesãos sentados no chão a

O mercadp tradicional: "Mercado do Banguia"

madeira entre as mãos, parecem moldar barro, trabalham com sensibilidade e rapidez o pau preto e nascem famílias, animais, santos, caixas, crucifixos, mulheres e homens entrelaçados, seres misteriosos, utensílios, colares. Nas ruas de terra vermelha e poeirenta as bancas vendem tecidos, peixe seco, feijão, cestos, milho, pão, plásticos, roupas, galinhas, caju e amendoim, fruta, rádios, pilhas, há um talho de um português e uma fila ordenada de pessoas à porta para entrar, há barracas de jogo, ficamos presos do colorido e da agitação. O calor abrasa. Pouco depois na *escolinha*, propriedade de uma associação moçambicana de beneficência, cerca de cinquenta crianças vestidas com bibes e sentadas à sombra no pátio cantam e fazem jogos, cada criança paga 500 meticais (aproximadamente 15 euros) por mês, este preço inclui 3 refeições diárias, os materiais e o pagamento das funcionárias, "*temos muitas dificuldades mas não podemos aumentar os preços, os pais das crianças não têm dinheiro e ficariam entregues aos irmãos ou sozinhas, aqui comem e estão acompanhadas*" diz-nos a directora. A taxa de mortalidade infantil em 2006 foi de 129 crianças em cada mil nascimentos. À tarde, no Magistério Primário, as temáticas da formação são os determinantes e os indicadores de saúde, os professores não tinham

consciência dos valores de alguns dos indicadores de saúde em Moçambique, surpreendem-se tentam perceber as causas, discutem-se medidas de prevenção, fala-se de alimentação e de estratégias que têm sido adoptadas nas escolas para prevenir ou combater a subnutrição.

À noite saímos para vermos as mulheres na praia, entram silenciosas na água, cestos à cabeça, redes na mão, os vestidos molhados colados ao corpo, sempre em silêncio apenas quebrado pelo ruído dos peixes a serem retirados da rede e colocados nos cestos. De manhã às 5.30h estamos na praia e vamos num barco a remos "espreitar" os corais, dois jovens conduzem-nos. Falamos sobre pesca "*Os homens saem de manhã e cantam, cantam as canções dos pescadores para o peixe vir*" explica-nos um dos jovens e canta para nós uma das canções em língua macua. Voltamos às 6.30, a tempo de comprar alguns materiais para a formação antes de irmos para a escola. Há um português que é muito considerado na cidade, proprietário de uma papelaria e livraria na zona antiga da cidade. Há quase de tudo e de boa qualidade, os livros é que são poucos, mas há livros escolares, dicionários e gramáticas, "*não há mais livros?*" pergunto eu, que já tinha deixado os livros de trabalho que tinha trazido na escola. A resposta vem rápida

Uma das maternidades nos arredores da cidade

" há poucos, não se vendem" e traz-me alguns, poucos, livros de editoras portuguesas. Este homem que também ficou e sobreviveu aos conflitos, está por cá há 50 anos e é um dos grandes impulsionadores do desenvolvimento da cidade, *"não vou voltar mais a Portugal, é muito diferente, já não me habituo"* diz com um sorriso afável encimado pelo bigode branco. Oferece-me um livro de poesia de Carlos Drumond de Andrade e um cartão de visita "*porque pode vir a precisar de alguma coisa*". O taxista explica que ele contribuiu para quase todas as instituições da cidade e tem sido responsável por várias benfeitorias, faz parte da dúzia de famílias portuguesas que não saíram quando começou a guerra civil.

Na sexta-feira despeço-me do colega que volta a Portugal e preparo-me para um fim-de-semana diferente. Na escola falamos de primeiros socorros e analisamos práticas tradicionais correctas, a satisfação é evidente. Esqueço que estou em África e falo em ambulâncias, os professores sorriem, não existe ainda um serviço de ambulâncias que dê resposta e fico sem jeito quando me explicam que o primeiro carro a chegar ao local de acidente deve levar o acidentado até ao hospital, ambulância é um luxo raro por aqui.

No sábado aproveito o tempo livre para visitar as povoações mais próximas da cidade. Numa delas, numa pequena maternidade, uma adolescente acaba de parir. A bebé, embrulhada numa capulana (pano tradicional), está deitada em cima da cama da mãe, é uma menina. A mãe está bem, sorri enquanto come chima (farinha de milho cozida) numa tigela de alumínio. A minha colega é simpática, está sozinha na maternidade, a acompanhá-la apenas um administrativo. Faço uma visita guiada, os materiais são fervidos, não existe

outra forma, não há autoclave, o material é escasso, o pessoal também, os resultados apesar das dificuldades têm sido animadores. Tem diminuído a mortalidade materna e infantil, têm conseguido que a pouco e pouco as mulheres deixem de parir sozinhas em casa com as avós e as mães, como é tradição. A mortalidade infantil por malária, a maior causa de morte nas crianças, também tem diminuído, as enfermeiras distribuem a todas as parturientes redes mosquiteiras para os bebés e fazem as primeiras vacinas.

Numa outra localidade visito o centro de saúde, sou recebida por uma enfermeira de saúde pública e por uma enfermeira de saúde materna, falamos sobre as actividades que desenvolvem. A vacinação e a vigilância da saúde materna e infantil são as prioridades, assim como os testes diagnósticos da infecção por VIH. Contam-me que são poucas, não há enfermeiros nem médicos que cheguem para as necessidades, aquele centro de saúde tem um médico. Aqui as enfermeiras fazem a vigilância da saúde infantil, materna, planeamento familiar, actividades de prevenção e tratamento. Das instalações do centro de saúde faz parte uma pequena maternidade, contam-me que é comum as jovens serem mães aos 14 ou 15 anos, por vezes aos 13. A enfermeira de saúde pública relata "*Deslocamo-nos também de carro até às povoações que fazem parte da nossa área de intervenção, mais de duas horas de viagem em estradas de pó, chegamos a atender num dia trezentas pessoas. Fica combinada a nossa ida e as pessoas reúnem-se nesse dia à sombra de uma mangueira ou cajueiro, é aí que vacinamos, tratamos, pesamos, fazemos tudo.*" Apesar disso o sarampo continua a ser a doença evitável pela vacinação que mais vitimas faz em Moçambique. Falam-me também da campanha de desinfestação das casas por causa dos mosquitos, a malária continua a ser uma das grandes preocupações, embora seja Nampula a província mais afectada pela doença, segundo dados do Ministério da Saúde moçambicano. Têm consciência das dificuldades e do muito que falta fazer, *"os serviços de saúde não cobrem, nem de longe as necessidades, muita gente não tem qualquer tipo de assistência".* Despeço-me olhando para o edifício de alvenaria bem pintado e com telhado de zinco que se destaca no meio das casas frágeis e pequenas que o rodeiam. De regresso à estrada de alcatrão encontro uma mulher envergando um fato-macaco e um pulverizador às costas, *"é uma fumigadora, mata os mosquitos"* elucida-me o taxista que neste fim-de-semana se

Um dos bairros da cidade com construções tradicionais

Centro de Saúde nos arredores da cidade—Bairro da Muxara

assumiu também como anjo da guarda. Trata-se de uma das mulheres que trabalha no programa de desinfestação do Ministério da Saúde e está a desinfestar as casas da povoação, a palha dos telhados e as paredes são percorridas a pente fino pelo pulverizador empunhado com destreza e rigor como se fosse uma arma. Na cidade, numa loja de artesanato, o empregado fala-me da sua vontade de ser agricultor e conversamos de culturas, de apicultura, de gastronomia, *"o que eu queria mesmo era ter uma machamba*" (pequena quinta para agricultura de sobrevivência), mostra-me o livro de ciências que anda a ler, entendo-lhe no olhar a tristeza da "prisão", acabo a dar-lhe informações sobre os programas de apoio a projectos agrícolas da Fundação Aga Khan que são apoiados pela cooperação portuguesa.

No domingo vou à missa das 7h da manhã numa das paróquias da cidade, as portas da igreja bem abertas, os cânticos entoados em língua macua e maconde e acompanhados por tambores, palmas e dança comovem-me. As leituras, lidas em português, macua e maconde falam de esperança. Assumo o compromisso de todos os fins de tarde ajudar na formação dos dirigentes escutistas da paróquia e assim as minhas noites serão enriquecidas pela curiosidade e partilha de experiências de um grupo de jovens empenhados. Um deles percorre de bicicleta 30km até ao local de trabalho, *"sou escuteiro, faz bem á saúde e não polui, só cansa por causa do calor"*, ouço-o e lembro-me do calor sufocante e húmido que me faz ficar vermelha e banhada em suor logo pela manhã. Depois da missa vou de visita a uma outra povoação. À saída da cidade, o contraste de grandes vivendas debruçadas sobre o mar com casas muito pobres. Depois da saída da estrada principal novamente a terra vermelha e poeirenta, mulheres pilam mandioca à sombra de um cajueiro, crianças apascentam cabras que se empoleiram até nos arbustos espinhosos, praias a perder de vista, à beira da estrada vendem-se peixes, camarões, lagostas, crianças apanham búzios na praia, as arvores entram mar adentro, poisam garças nos ramos, os pescadores equilibram-se muito bem nos pequenos barcos, hoje está vento e o mar agitado. A pobreza silenciosa e resignada no rosto dos aldeões, casas tradicionais em construção, uma plantação de sisal, crianças empurram com esforço a alavanca que permite retirar água de um poço que abastece a aldeia, um machimbombo (autocarro) vem aos solavancos tentando evitar os inúmeros buracos da estrada, pára e dele saem pessoas e um sem número de coisas.

Centro de Saúde de Mahate

Domingo à tarde vou até ao aeroporto, chegam dois colegas, tento fazer-lhes a "integração" e acertamos horários, tenho muito para lhes contar.

Segunda-feira outra vez, o tema de formação é: estratégias de ensino-aprendizagem. Que estratégias usar perante as variadas temáticas do programa? Discute-se também o papel do professor enquanto motor do desenvolvimento comunitário. Pouco depois um dos professores *"Paula, um rato mordeu os pés de um dos meus filhos, como posso tratar?"*, eu em silêncio a olhar para ele, escondo com pressa as lágrimas que me toldam os olhos e devagar, não sei porquê mas ouço-me muito devagar, a indagar das características da ferida e a explicar o tratamento. Ainda falamos sobre as condições de vida dos professores, que são pobres, mas menos pobres que outros e por isso vivem sobrecarregados com familiares que dependem deles para sobreviver, aqui é tradição, com carácter de obrigatoriedade, acolher em casa os familiares.

No dia seguinte vou ao centro da cidade antes de ir para a formação. Vou ao centro de informática, preciso de enviar mails e ver o meu correio, mas falta a electricidade e os meus planos vão por água abaixo. Apenas 11% dos moçambicanos tem acesso a energia eléctrica e na cidade falta muitas vezes a energia. Vou às compras para equipar a caixa de primeiros socorros da escola. Na farmácia compro algum material, pelo dobro do preço que compraria em Portugal, pobre África! Fico escandalizada mas não tenho mais lugar nenhum onde comprar... Nesse dia um dos formandos adormece de cansaço, os outros riem, ele trabalha das 5 da manhã às 23h.

O tempo corre entre a formação no Instituto do Magistério Primário, a formação dos escuteiros, a companhia dos colegas, a minha curiosidade aguçada e as noites em claro a preparar a formação ou simplesmente às voltas com os contrastes, as diferenças, a variedade de pessoas, de cheiros, de cores, de imagens. Ainda terei tempo para conhecer outras realidades quando sou visita privilegiada de um empresário local a quem vim recomendada, um homem interessante, que foi professor, fez formação em Paris e é um retrato vivo do mosaico cultural moçambicano com ascendentes indianos, africanos e portugueses. Espírito solidário e riqueza numa terra de contrastes.

Vou com os meus formandos fazer uma

visita de estudo a uma associação cultural local, o Sr. Banguia tem um grupo de teatro e danças que tem sido responsável por algumas acções de educação para a saúde no âmbito da prevenção da cólera, malária e sida. O seu "espaço" é um autêntico museu etnográfico que pacientemente construiu e montou com a sua família. Discutimos a importância das visitas de estudo na aprendizagem das crianças e dos jovens. A amabilidade faz parte da natureza dos moçambicanos. Mostra-nos as casas, os artefactos, os adereços e o guarda-roupa do grupo. Assistimos a danças que ele próprio coreografa. Todo o sítio é muito organizado e limpo, as latrinas exemplares, as árvores bem tratadas. Presenteia-nos com mangas e bananas. Voltamos a pé para a escola, debaixo de um sol abrasador os quinze minutos de caminhada parecem-me uma eternidade. Estou a ficar mais corada, notam os meus formandos rindo.

No dia seguinte a despedida, discutimos a avaliação, esclarecem-se algumas dúvidas, vamos até à biblioteca e ao centro de recursos informáticos, a minha colega da ESE já limpou os computadores e é possível aceder já à Internet. Um dos formandos viajará comigo até Maputo de regresso à cidade onde vive e trabalha. È já noite quando saio, escurece sempre por volta das 17.30h. Seguem-se as despedidas nos escuteiros. O meu anjo da guarda muçulmano, o "nosso" taxista, convida-me a conhecer a sua família, faz questão. Eis-me numa casa do tempo colonial, em alvenaria, onde vivem várias gerações, muitas crianças, os pais, os irmãos, os tios, os sobrinhos, a avó. Fizeram chá e umas pequenas bolachas, recebem-me calorosamente, sento-me no quarto do casal a admirar a bebé linda que nasceu já depois de eu ter chegado e que faz o encantamento dos jovens pais. Aqui uma criança é sempre entendida como uma dádiva. Despeço-me e agradeço a delicadeza, acompanham-me à porta com um sorriso e o convite para voltar. Estou cansada e tenho uma vontade imensa de chorar sem explicação plausível para tal. Os meus colegas portugueses são alegres e divertidos e por isso o jantar decorre animado, apesar das despedidas. Na manhã seguinte o amável proprietário vai levar-me ao aeroporto, a mim e ao professor moçambicano que nos espera na escola. No aeroporto o missionário português vem despedir-se e oferece-nos uma bebida fresca, um último olhar para a cidade e seguimos para Maputo. Em Maputo faz vento e chove, o tempo está mais fresco, despeço-me do colega por uns dias e passo a última noite a correr para a casa de banho, dei toda a minha medicação e eis-me com uma gastroenterite inesperada. Passo o sábado a beber chá preto, sentada estrategicamente num sofá em frente à casa de banho da sala do hotel. Chegaram uns colegas ontem a Maputo e são eles que me vão levar medicação. Felizmente o avião é só à noite e o hotel tem uma vista linda sobre a cidade. Fico melhor e faço a viagem de regresso com a certeza que uma parte de mim ficou algures em Moçambique. Olho pela janela as pequenas luzes lá em baixo, depois uma imensa escuridão e as palavras da poesia de Carlos Drumond de Andrade.

Ana Paula Gato
Mestre em Comunicação em Saúde
Enfermeira Especialista em Saúde Pública
Equiparada a Professora Adjunta da ESS-IPS

E-mail: agato@ess.ips.pt